

TEERÃ-TEL AVIV EM 400 SEGUNDOS (PARTE 1)

Por Hamid Hajizadeh*



Apresentação do míssil hipersônico iraniano Fattah (Hossein Zohrevand/Tasnim News Agency).

O Irã demonstra mais uma vez sua capacidade de resistir às sanções, apresentando um novo míssil hipersônico capaz de ameaçar Israel.

Os iranianos têm um famoso poema que diz que às vezes é tarde demais. Seu significado é que às vezes as oportunidades são perdidas cedo demais. Talvez esta semana tenha sido um exemplo de uma oportunidade perdida. Agora o mundo e especialmente os inimigos de Teerã devem aceitar que enfrentam um novo Irã no campo militar e que a oportunidade de deter o crescimento da indústria aeroespacial iraniana foi perdida.

Dois anos atrás, quando o primeiro-ministro israelense Naftali Bennett viajou a Glasgow para participar da conferência COP26 sobre questões climáticas da ONU, ele afirmou em entrevista ao jornal britânico *The Times* que o confronto do mundo com o Irã deveria ser semelhante ao programa Guerra nas Estrelas de Ronald Reagan, lançado durante a Guerra Fria com a União Soviética.

Talvez ele soubesse de algo naquele dia que muitos não soubessem. No entanto, após a revelação do míssil hipersônico do Irã, alguns analistas de temas militares acreditam que enfrentar a nova geração de mísseis iranianos não apenas está fora das capacidades dos sistemas avançados de defesa aérea, mas também do programa Guerra nas Estrelas. Isso mostra que agora é tarde demais para atender ao aviso de Bennett de dois anos atrás. Agora os muros de Teerã estão cheios de faixas que afirmam que, para o novo míssil, são apenas 400 segundos de Teerã a Tel Aviv.

GUERRAS NAS ESTRELAS

A ideia do programa Star Wars (Guerra nas Estrelas) remonta à era de Ronald Reagan. A União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia chegaram perto de dois sucessos durante a Guerra Fria. Na arena política, a vitória dos partidários soviéticos na Nicarágua e Granada tirou Cuba do isolamento, e a presença de fortes movimentos guerrilheiros de esquerda em El Salvador e na Guatemala criou esperanças para o domínio soviético de posições e rotas vitais na América Central. Relatórios de inteligência do Pentágono indicavam que os soviéticos e Cuba também estavam construindo um aeródromo e uma base naval na ilha de Granada.

No campo militar, a União Soviética encontrava-se em sua melhor situação estratégico-militar no final da década de 1970 em comparação a todos os anos da Guerra Fria. A URSS estava quantitativa e qualitativamente à frente dos Estados Unidos no campo de mísseis balísticos intercontinentais baseados em terra. Ela ganhou superioridade em mísseis de médio alcance na faixa de 500 a 5.000 km, produzindo os poderosos SS-20 dotados de múltiplas ogivas que tinham uma plataforma móvel e tempo de reação rápido.

Por outro lado, em 1979, a chegada da nova geração de sistemas de defesa soviéticos, incluindo S-300, SA-11 Buk e SA-15 Tor, dificultou muito a penetração em solo soviético. A resposta da indústria militar americana a esta situação seria o projeto do bombardeiro supersônico B-1 Lancer, altamente avançado e caro, que poderia restaurar a superioridade americana, mas Jimmy Carter interrompeu o programa no meio do caminho em 1977 devido ao seu alto custo.

Quando Ronald Reagan assumiu o governo no início de 1981, todas as equações mudaram contra a vontade dos líderes soviéticos. Imediatamente após tomar o poder, Reagan declarou: “Os Estados Unidos estão em maior perigo hoje do que na época do ataque a Pearl Harbor. Nossas forças não são capazes de defender o país de forma alguma.” Reagan propôs um plano que causou polêmica à época. Nessa ideia, o sistema de defesa tinha quatro estágios, sendo que no último seriam destruídas até mesmo as ogivas que tivessem escapado dos três anteriores e atingissem a atmosfera a caminho do alvo.

No entanto, ao mesmo tempo, especialistas afirmaram que o plano precisava de pelo menos quinze anos e um bilhão de dólares de investimento. O avanço tecnológico necessário era enorme, e Reagan ordenou que Hollywood fizesse vários filmes de ficção para apresentar o plano a seus aliados. Em 10 de junho de 1984, um teste bem-sucedido foi realizado na camada final do projeto. Um míssil antimísseis terrestre, sem explosivos, foi capaz de destruir uma ogiva balística a 180 km de seu alvo. Esta experiência teve grande impacto em Moscou. Mas alguns anos depois, o *New York Times* revelou, em sua edição de 19 de agosto de 1993, que o teste era apenas um blefe para confundir o Congresso e o Kremlin. O alvo e o míssil rastreador foram equipados com um sistema eletrônico que tornava a colisão inevitável, ou seja, os sistemas de ambas as partes foram configurados para colidir entre si!

O Super-míssil do Irã

FATTAH: MÍSSIL HIPERSÔNICO

Usa a nova geração de motor esférico de combustível sólido



Os sistemas antibalísticos mais avançados dos EUA e Israel são incapazes de resistir a mísseis hipersônicos

Alcance de 1400 km com capacidades táticas



Várias habilidades de manobra dentro e fora da atmosfera para superar defesas aéreas inimigas

Ogiva de cone explosivo com excelente manobrabilidade e velocidade muito alta



Velocidade muito alta (Mach 25+ em cruzeiro, Mach 8+ em planeio, Mach 5+ em colisão)

Décadas de garantia de desenvolvimento tecnológico



Este tipo de míssil foi revelado apenas na Rússia, China, EUA e Coreia do Norte



O PAPEL DE UM NOVO PLAYER

Esta semana, com a introdução do míssil hipersônico Fattah pelo Irã, uma nova onda de notícias teve início. O major-general Hossein Salami, comandante do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC, *Islamic Revolutionary Guards Corp*), proferiu palavras importantes na cerimônia de apresentação. O IRGC é o mesmo que a Europa ainda está considerando se define ou não como terrorista. O chefe do IRGC afirmou que a velocidade é um fator importante para a passagem pelos escudos antimísseis, e disse: “Além da velocidade, uma habilidade muito importante e surpreendente, cientificamente e tecnologicamente preparada neste míssil, é que o Fattah pode mudar suas equações de voo”.

Ou seja, o Fattah pode mudar os níveis de seu movimento no espaço. Quando os níveis de movimento do míssil mudarem e atingirem novas equações, praticamente não será possível detectar os próximos alvos de seu movimento, e enquanto se pensa que o míssil atingirá um determinado ponto, ele atingirá outro. Este é um tipo de engodo tático e técnico.

Muitos que sempre colocaram em dúvida os desenvolvimentos militares do Irã, considerando sua aeronave furtiva como uma maquete e o pouso seguro do drone americano RQ-170 um blefe, agora permanecem mudos. Mas EUA, França e Israel expressaram suas preocupações sem deixar dúvidas. Vedant Patel, vice-porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, disse: “Nossa preocupação com o programa de mísseis do Irã está bem estabelecida.” A França também expressou preocupação com a questão e considerou a situação contrária à Resolução nº 2231 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, afirmando que as atividades mostram que Teerã não enterrou seu programa balístico e nuclear! Os meios de comunicação israelenses *Jerusalem Post*, *Haaretz* e *Times of Israel* escreveram reportagens sobre o lançamento do Fattah, a mais recente conquista de mísseis do Irã. O jornal israelense *Maariv* também escreveu que a revelação do Fattah pelo Irã é uma mensagem para Israel.

Mas a melhor descrição foi o que Michael Griffin, ex-Subsecretário de Defesa para Pesquisa e Engenharia dos EUA, disse em uma audição no Congresso. Ele observou que os Estados Unidos não possuem um sistema capaz de ameaçar os detentores de mísseis hipersônicos de maneira análoga. Dirigindo-se aos legisladores americanos, ele declarou: “Não temos defesa contra esses sistemas de mísseis.”

**Hamid Hajizadeh é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*
